



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 31 de julho de 2022

[Multimídia]

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da Liturgia de hoje, um homem dirige este pedido a Jesus: «Mestre, diz ao meu irmão que reparta a herança comigo» (Lc 12, 13). É uma situação muito comum, problemas semelhantes ainda estão na ordem do dia: quantos irmãos e irmãs, quantos membros da mesma família, infelizmente, discutem e talvez já não falem uns com os outros, por causa da herança!

Respondendo àquele homem, Jesus não entra em detalhes, mas vai à raiz das divisões causadas pela posse dos bens, dizendo claramente: «Guardai-vos de toda a avareza» (v. 15). O que é a *avareza*? É a ganância desenfreada pelos bens, sempre com a vontade de enriquecer. É uma doença que destrói as pessoas, porque a fome de posse cria dependência. Especialmente quem tem muito nunca está satisfeito: quer sempre mais, e apenas para si próprio. Mas assim já não é livre: está apegado, é escravo ao que, paradoxalmente, devia servir-lhe para viver livre e sereno. Em vez de *se servir* do dinheiro, torna-se *servo* do dinheiro. Mas a avareza é uma doença perigosa até para a sociedade: por causa dela hoje chegamos a outros paradoxos, a uma injustiça sem igual na história, onde poucos têm muito e muitos têm pouco ou nada. Pensemos também nas guerras e nos conflitos: há quase sempre a ânsia pelos recursos e riquezas. Quantos interesses há por detrás de uma guerra! Certamente um deles é o comércio de armas. Este comércio é um escândalo ao qual não devemos nem podemos resignar-nos.

Hoje Jesus ensina-nos que, no centro de tudo isto, não há apenas algumas pessoas poderosas

ou certos sistemas económicos: no centro está a avareza que existe *no coração de cada um*. Então procuremos perguntar-nos: como está o meu desprendimento dos bens, das riquezas? Queixo-me do que me falta ou estou satisfeito com o que tenho? Sinto-me tentado, em nome do dinheiro e das oportunidades, a sacrificar relações e tempo pelos outros? Além disso, estou tentado a sacrificar a legalidade e a honestidade no altar da avareza? Eu disse “altar”, altar da avareza, mas por que disse eu altar? Porque os bens materiais, o dinheiro, as riquezas podem tornar-se um culto, uma verdadeira idolatria. Por conseguinte, Jesus alerta-nos com palavras fortes. Diz que *não se pode servir dois senhores*, e – atenção! - não diz Deus e o diabo, não, nem o bem nem o mal, mas *Deus e as riquezas* (cf. *Lc 16, 13*). Esperar-se-ia que dissesse: não se pode servir a dois senhores, Deus e o diabo. Ao contrário, diz: *Deus e as riquezas*. Servir-se das riquezas, sim; servir a riqueza, não: é idolatria, é ofender a Deus.

E então - podemos pensar - não se pode desejar ser rico? É claro que se pode, aliás, é correto desejá-lo, é bom ser rico, mas *rico segundo Deus!* Deus é o mais rico de todos: é rico em compaixão, em misericórdia. A sua riqueza não empobrece ninguém, não cria disputas nem divisões. É uma riqueza que gosta de dar, distribuir, partilhar. Irmãos, irmãs, acumular bens materiais não é suficiente para viver bem, pois - diz ainda Jesus - a vida não depende do que se possui (cf. *Lc 12, 15*). Ao contrário, depende das boas relações: com Deus, com os outros, e também com quem possui menos. Então, perguntemo-nos: como quero enriquecer-me? Quero enriquecer segundo Deus, ou segundo a minha avareza? E voltando ao tema da herança, que herança quero deixar? Dinheiro no banco, coisas materiais, ou pessoas felizes à minha volta, boas obras que não serão esquecidas, pessoas que ajudei a crescer e amadurecer?

Que Nossa Senhora nos ajude a compreender quais são os verdadeiros bens da vida, que permanecem para sempre.

Depois do Angelus

Caros irmãos e irmãs!

Ontem de manhã regresssei a Roma após a viagem apostólica de seis dias ao Canadá. Tenciono falar sobre isto na Audiência geral na próxima quarta-feira, mas agora gostaria de agradecer a todos aqueles que tornaram possível esta peregrinação penitencial, começando pelas Autoridades civis, os Chefes dos povos indígenas e os Bispos do Canadá. Agradeço de coração a todos aqueles que me acompanharam com as suas orações. Obrigado a todos!

Inclusive durante a viagem, nunca deixei de rezar pelo povo ucraniano, agredido e martirizado, pedindo a Deus que o livre do flagelo da guerra. Se olharmos para a realidade objetivamente,

considerando os danos que cada dia de guerra provoca àquela população, mas também ao mundo inteiro, a única coisa razoável a fazer seria parar e negociar. Que a sabedoria inspire passos concretos de paz!

Dirijo a minha saudação a vós, romanos e peregrinos. Saúdo, em particular, as noviças Filhas de Maria Auxiliadora, que estão prestes a fazer a primeira Profissão religiosa; o grupo da Ação católica de Barletta; os jovens da diocese de Verona; os jovens da unidade pastoral “Pieve di Scandiano”; e o grupo “Gonzaga” de Carimate, Montesolaro, Figino e Novedrate, que percorreram a Via Francigena. Na festa de Santo Inácio de Loyola, dirijo uma saudação afetuosa aos meus irmãos jesuítas. Continuai a caminhar com zelo, com alegria, ao serviço do Senhor. Sede corajosos!

Desejo bom domingo a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!